

T R É P L I C A

A CARLOS MALHEIRO DIAS SOBRE A QUESTÃO DO DESEJADO

(Conclusão)

23.º ponto. Racionalismo, Espiritualismo, Materialismo, Idealismo, Pragmatismo, Liberdade, Religião, etc.

Engolfou-se o meu Amigo, com a sua *Exortação à Mocidade*, por mares pelo seu espírito nunca de antes navegados. Porisso no seu *Prefácio*, se a primeira parte e a segunda são já um Caos, a terceira (*Racionalismo e Espiritualismo*) é o Caos do Caos. Haver um homem do seu valor que imprima aquilo—demonstra os abismos de desconcerto mental a que se chegou neste País.

Supõe que o racionalismo leva ao materialismo e ao pragmatismo, e que é antagónico de idealismo, de espiritualismo, de religião católica; chama idealismo à doutrina de Maurras (p. xc); declara-me seguidor do materialismo histórico de Carlos Marx; diz que o racionalismo é «fundamentalmente adverso às transcendências do idealismo» (p. c: desconhece o que seja racionalismo, idealismo e transcendência); que uma política inspirada no racionalismo conduz necessariamente ao materialismo (p. c); que a «concepção racionalista» é «propulsionada por ideias mesquinhãs» (civ); chama à Democracia, ao mesmo tempo, racionalista e pragmatista (cv); insiste na ideia do seu discurso, de pôr a Liberdade *sobre* a Razão, com o argumento inefável de que a Razão pode errar mas «a lei escrita é geral e fixa» (LXXXIV); que o racionalismo é «insuficiente porque cumpre «animá-lo com ideais» (LXXXVIII); que quero que o meu Amigo «resolva, dentro do campo de acção do racionalismo, problemas que transcendem dêsses estreitos limites e se desenvolvem nos domínios do idealismo» (xc); que o racionalismo pretende «tudo explicar pelo racional, sem a intervenção do ideal» (xc); que segundo o racionalismo a sociedade teve uma origem convencional (xc): alude à doutrina do contrato, que não entendeu); que o meu Amigo deseja «um estado superior de harmonia entre a Razão e a Fé, que, ampliando e iluminando a Razão, não permita que se desvaire a Fé» (xci); e, atacando-me como racionalista, esgrime ao mesmo tempo contra «um sistema empenhado em tudo reduzir ao real» (xciv) resumindo o nosso debate nesta pergunta: «deve o homem deixar aberta a porta do coração, ou fechá-la?»

O que aí vai!...

As portas do cérebro, illustre Amigo, é que estão cerradas em Portugal por obra e graça do Seiscentismo, apesar do protesto angustioso de algumas elites bem pequenas! Verney, querendo reagir contra êste horror, no momento sublime e auroral do *Verdadeiro Método de Estudiar* (pobres auroras do meu País, logo toldadas no amanhecer!), resume a cultura da nossa gente, qual a deixou o Seiscentismo, numa exclamação que está perfeita: «Isto são tudo rapaziadas!»

Tudo rapaziadas!

Sim. Foi uma rapaziada a «lição eterna», «o mais admirável herói da História», da sua *Exortação à Mocidade*; rapaziada, depois, o *D. Sebastião* do seu amigo; rapaziadas, os elogios que lhe cantaram pelos papeis; rapaziada, o sebastianismo... Tudo rapaziadas! Quando haverá aqui cultura a sério? Quando deixará de tripudiar, contra o bom senso e o Espírito Crítico,—essa mentalidade pré-crítica, que domina em Portugal?

Há homens cultos no nosso País, sem dúvida alguma: o que se chama *cultos*. Mas... — porque se escondem? Porque não surgem, nem gritam, nem protestam, nem esclarecem? Porque deixam cafrear esta Nação, e fazer-se sebastianista um Malheiro Dias? Porque é que os bons não veem à luta, ou se deixam gafar pela estupidez?

Mas fujamos ao perigo de engendrar retórica, e voltemos ao nosso caso. Tenho de armar em pedantesco. O meu Amigo perdoará.

Chama-se *racionalismo*, entre pessoas cultas, a doutrina que sustenta a irreducibilidade da razão à percepção sensível, isto é, a impossibilidade de, só com a percepção sensível, architectar a vida mental; ou ainda: a que afirma a existência no nosso espírito de uma actividade ordenadora, superior à percepção sensível. Opõe-se a *sensualismo* e a *empirismo*, e é muito afim de *idealismo*, metafísico ou epistemológico (doutrina *idealista*: a que busca a razão de ser do processo cósmico na realização do racional, da consciência, do espírito; no sentido epistemológico, a afirmação de que a realidade do mundo externo é a sua perceptibilidade). O *espiritualismo*, por seu lado, é essencialmente a afirmação de uma *substância* espiritual.

Releia depois disto o terceiro capítulo do seu *Prefácio*: sentirá vertigens. Perceberá nomeadamente que são heresias ou arbitrariedades:

1.º opor ao racionalismo o idealismo e o espiritualismo, como se houvesse entre êles antagonismo essencial (poder-se hia dizer, pelo contrário, que o idealismo e o espiritualismo são duas modalidades do racionalismo);

2.º chamar «idealista» à «escola de Maurras», que a si própria se intitula «um empirismo organizador»;

3.º supor que um católico deve ter asco, necessariamente, a toda espécie de racionalistas.

(Como se os católicos *sabedores* não estivessem todos do meu partido nesta defesa do racional, repelindo o herético intuicionismo de que o meu Amigo é porta-voz!)

Não vale a pena o explicar também (são pontos secundários no nosso caso) porque é que a Democracia não pode ser, ao mesmo tempo, racionalista e pragmatista, e porque não há nada, nos meus escritos, do materialismo histórico de Carlos Marx. Fico em lembrar que a Igreja

católica condenou há anos o modernismo com a mesma atitude fundamental com que eu condenei o paroximismo, o crispacionismo, o passionalismo, a indisciplina instintivista—que o meu Amigo lançou aos jovens naquela romântica *Exortação*.

Há católicos na nossa terra (coitados deles!) que cuidam que sebastianismo e intuicionismo são pontos de fé da Igreja católica, e que neste debate o hereje sou eu, porque a D. Sebastião opus Nunálvares,—o herói que a Igreja canonizou...

Oh miolos de coelho
mal assado,

como diria Gil Vicente!

«No princípio era o *Logos*», proclama o Evangelho de S. João; e pouco depois: «Deus é Espírito, e é necessário que aqueles que o adoram o adorem em Espírito e em Verdade» (iv,24): dois enunciados de muito interesse, que lhe rogo o obséquio de aprofundar; e se é leitor, como parece, da *Action Française*, lá viu os artigos sobre o padre Janvier, o qual citou em Paris, como conforme ao catolicismo, a tese de que a Razão é a coisa maior—da terra...
e do Céu!

Conheço um livro de piedade católica, muitíssimo celebrado entre os franceses, e que aconselho, se mo permitem, a todos os católicos de Portugal. Chama-se *La Vie intérieure simplifiée et ramenée à son fondement*. Foi publicado pelo padre Tissot, superior dos missionários de S. Francisco de Sales. São dele as seguintes frases imensamente «racionalistas», que o vão espantar e horripilar:

«Aussi la piété est-elle bien représentée par cette même image. Il y a une *racine*, qui est la *raison*; une tige, qui est la *foi*; et une *fleur*, qui est la *spiritualité*. *Sans racine, pas de tige*; sans tige, pas de *fleur*... C'est pourquoi ici on s'adresse *d'abord à la raison*, et il s'y trouve fort peu de chose pour le sentiment... *Voulant aller au fondement et à la racine, il faut aller à la raison*... Pour être un saint dans toute la rigueur de la chose, il suffirait, la grâce aidant, je ne dis pas d'avoir la *raison*, mais de se conduire selon la *raison*... Les revendications énoncées ici en faveur de la *raison* ne sont point au détriment de la *foi* et de la *grâce*, mais uniquement au détriment du *sentimentalisme* (j'allais dire de *l'animalité*, ces deux choses sont si proches parentes!)... L'intelligence est la faculté maîtresse de l'homme, c'est elle qui doit diriger... *Quand l'intelligence a été supplantée dans ses fonctions directrices*, non seulement la nature, mais *la foi en souffre* et la spiritualité est viciée: *tout s'animalise* et se matérialise; tout, jusqu'aux plus hauts sommets, descend et s'affaisse; tout s'exteriorise et se vide; tout branle et tombe; tout végète et s'étiole...» (p. 16-18).

Isto, pois, lê-se num livro de piedade católica, do qual as autoridades eclesiásticas, na sua oficial aprovação, dizem assim:

«...d'auteur à coup sûr *très compétent*... Nous conseillons et recommandons la lecture attentive et répétée de ce livre aux prêtres et aux fidèles... Ce livre laisse bien loin derrière lui tant d'autres petits volumes sans théologie, sans profondeur et sans onction».

Mas reato o fio do meu discurso:

Assentando o seu capítulo, *Racionalismo e Espiritua-*

lismo, sobre um engano absoluto no significado das duas noções,—estou dispensado de lhe responder. Nada daquilo faz sentido. Nada. É o caos do caos. Basta definir êsses dois termos,—Racionalismo, Espiritualismo,—e cai por terra tudo o que diz.

Lembrar-lhe hei, no entanto, que não precisa o racionalismo de ser animado por ideais, como supõe (LXXXVIII): porque êle próprio, no aspecto ético, é um ideal, e o mais alto ideal. Quando exclamou:

Razão, irmã do Amor e da Justiça,

o poeta filósofo soube bem o que fêz; e o herói pensador eleito por Emerson, Platão, ao dizer que o Amor baixara ao mundo *ωστε το παν αυτο αυτο ξυνδεσθαι*, «afim que tudo no Universo vivesse em conexidade», definiu o Amor pelos próprios termos com que se define o racional; ao passo que a doutrina do meu Amigo é um pouco difícil de se entender, quando quer que a Fé ilumine a Razão, mas que a Razão (a iluminada) não permita que se desvaire a Fé, que a ilumina (p. xci); ou quando tem frases como as seguintes, que são charadísticas:

«recomeça o esforço patético para integrar o absoluto na relatividade» (p. xciii);

«a corrida empreendida entre o Espírito e a Matéria, perseguindo-se ofegantes sem jamais se alcançarem» (p. xciv);

«a aspiração que soergue o pensamento moderno da apatia em que o deixara mergulhado o automatismo pedagógico» (p. xciii);

«os seus esforços» (do racionalismo) «concentram-se em adaptar a actividade espiritual à concepção niveladora da Democracia» (p. xciii);

«declarando-se saudoso do tempo em que a escolástica operava a conversão do Múltiplo no Unitário por uma evolução racional de conceitos e o livre transporte das consciências» (p. xcv),

e várias outras do mesmo género; ou algumas ainda que a muita gente parecerão claras e escuras, mas que o não são, como a seguinte:

«agindo» (os heróis) «ora sob os ditames da Razão (de modo nenhum incompatível com o heroísmo, porisso mesmo que a Razão e o Sentimento são apanágios do homem) ora sob a impulsão explosiva da sua *vis* heróica» (p. ci),

visto que, se elas não são incompatíveis, não é necessário que os heróis procedam—*ora* sob os ditames da Razão, *ora* pela *vis* heróica, pois podem, nesse caso, colaborar as duas no *mesmo* acto,—se é que não coincidem na sua essência e não são as duas uma coisa só.

Não insista no absurdo da Liberdade *sobre* a Razão, e muito menos pelo motivo que alega: «a Razão pode variar e errar, a lei escrita é geral e fixa» (p. LXXXIV). Se pode errar a razão do homem, podem errar, outro-sim, todas as leis que o homem faz. Quem escreveu a lei? e êsse que a escreveu, em que se inspirou para a escrever? Se a lei regula (como regula) o uso que faço da liberdade, a lei inspira-se em alguma coisa que está *acima* da liberdade, porisso mesmo que lhe dá a lei. Revolta-se o meu Amigo contra o homem do *cabaret*. Mas, se a lei lhe permite o *cabaret*, e se a *libertas* está acima da *ratio*,—como é que pretende coartar ao homem a liberdade de ter *cabaret*? Mudando a lei? Mas se (como pretende) a lei é *fixa*?

Não. A lei não é fixa. Podemos nós modificá-la. Como, modificá-la? Em nome de quê? — *Da Razão*. Portanto, a Razão acima de tudo. *Ratio vinculum societatis*. No princípio era o *Logos*, — origem de toda luz inteligível aos mortais.

Claro que um homem pode enganar-se, supondo seguir a recta razão; é, porém, por meio de um esforço mais vigoroso no sentido dela própria — que se pode desiludir e emendar; a razão é uma tendência, um desejo, um amor, um ideal...

Reason, best reason, is to imperfect man
An effort only, and a noble aim;
A crown, an attribute of sovereign power,
Still to be courted — never to be won.

(WORDSWORTH)

Devo notar entretanto que para ser em tudo contraditório, o meu Amigo, depois de insistir romanticamente, na *Exortação* e no *Prefácio*, sobre as insuficiências da Razão (e *a fortiori* da inteligência) ante «o coração» e «o sentimento», «mais penetrante do que a luz», acaba agora por escrever o seguinte:

«Reconheço que é pela inteligência que compreendemos, aprovamos, regeitamos as conclusões, *quaisquer que sejam*: as do espírito e as do coração. Sem dúvida, «le cœur a ses raisons», *que a Razão conhece*, «puisqu'elles ne sont raisons qu'autant que la raison les a faites siennes» (*Prefácio*, p. xcix).

Bravo! mas que saltos! Pois não seria mais sentato — e mais próprio de um Malheiro Dias — o confessar francissimamente que disse barbaridades na *Exortação*, e que as renega?

24.º ponto. Assim diz, percuente Amigo: «Não basta condenar a paixão. É preciso dominá-la e conduzi-la para o bem» (p. lxxxix).

Ora magnífico! *Isso afirma o racionalista*; mas é o *contrário*, exactamente, do que disse o meu Amigo na *Exortação à Mocidade*, onde exaltou, como se viu, o «dom do sentimento» em prejuízo da razão, «tão certo é que o calor penetra mais fundo do que a luz»; onde aconselhou à Mocidade que pusesse «a alma em paroxismo, os nervos em críspação» (ainda agora, no *Prefácio*, exalça «o ímpeto indomável e o arrebatamento incoercível», p. ci); onde lhe deu como «lição eterna» um doido explosivo de quem diz agora, numa só página (p. lxxxix) que foi «desvairado», «ferrabrás», «temerário», «ambicioso», e «arrebatado delirante», — um doido, portanto, que não dominou paixão alguma, mas muito *ao contrário* delirou. O que pregou à Mocidade foi o *não* domínio da paixão; foi a negação de toda ordem; foi a negação de toda lei. E por isso mesmo lhe respondi, protestando. Por outro lado, dominam-se as paixões pela vontade... inspirada na Razão.

25.º ponto. O caso do americano que «termina na catedral de Chartres e no mosteiro do Monte Saint-Michel» a odisséia do seu espírito (p. xciv).

Mas que se conclue de aí contra a minha pessoa? que se conclue de aí contra o racional?

Incitei alguém, alguma vez, a não ir ao Monte Saint-Michel? Mostrei eu o menor empenho em que alguém se

afastasse da religião? Não tenho dito, pelo contrário, que não há lei una e absoluta para as diferentes espécies de mentalidade? que quem nasceu para religioso — religioso seja? que a solução para as almas místicas deve ser mística, e de outra espécie para as não-místicas? O místico e o não-místico são ambos produtos da natureza, ou (se assim prefere) são ambos êles criaturas de Deus; e pode-se ser justo, inteligente, nobre, com religião ou sem religião. Aprovo, portanto, o proceder do americano, se a alma dele lhe pedia aquilo. Mas se a minha me não pede mística; se não sinto fé, nem busco *Além* (nem ainda, se fôsse místico, acharia talvez nas *suas* ideias a fórmula religiosa mais adequada à minha espécie de misticismo) — que hei de eu fazer? — Esperar, pelo menos, que se meta a frade o meu Amigo: sim, o meu Amigo, que me manda a mim para um convento, mas que ainda não foi, — e que é mais velho, e que é mais místico. *To thine ownself be true*, como diz Polónio. Pois não é?

Ignoro, religioso Amigo, se tão singelas opiniões (que tenho repetido em todos os tons) podem justificar o seu ditame: «a luz de que fala o sr. António Sérgio é a luz do seu candieiro; quero também a luz do céu» (xcviii); mas sei que esta frase junqueiriana ficaria perfeita na sua espécie (lá isso ficava!) se a houvesse cantado em alexandrinos:

Acaso tu supões — ó sofista altaneiro! —
Suprir a luz do céu co'a luz dum candieiro?

E o pobre de mim, prosaicamente: «Não, frei Tomás; não suponho»...

26.º ponto. O meu Amigo diz: «Quando, há três anos, dois temerários se arrojaram pelos ares, em uma manhã tristonha de neblina e preságio, a caminho do Brasil, nem um só racionalista acreditou que, de aéreo salto em aéreo salto, êles fôsem cair nos braços do povo brasileiro» (p. ci).

Houve três «racionalistas», pelo menos, que acreditaram. Um fui eu. Os outros dois... foram Gago Coutinho e Sacadura Cabral. E houve um quarto: êsse magnífico homem do mar, o comandante Cisneiros e Faria, o amigo íntimo de Sacadura, que o descreve assim:

«A sua extraordinária actividade (do dito Sacadura Cabral) foi sempre maravilhosamente servida pela sua *clara inteligência*... Se acrescentarmos agora os seus dons de carácter exemplar, de amor à sua carreira, de paixão pelos serviços a seu cargo, de zelo no cumprimento dos seus deveres, de *ponderação, de sentimento das proporções (virtude que muito em especial apreciava e de que falava assiduamente)* de iniciativa, de decisão, de *sangue frio* e de uma provadíssima coragem, teremos analisado êsse conjunto, a que em terras meridionais se chama um homem com sorte, mas que nos climas frios, onde se vê friamente, se considera um homem superior. Teve sorte na sua vida? Não. O que fêz sempre foi, segundo as suas próprias palavras, *estudar os casos muito bem e tentar pôr do seu lado o maior número de probabilidades pró*» (Discurso no Centro da Aviação Marítima, reproduzido em *O Século* de 16-12-1924, 4.ª página, 1.ª e 2.ª colunas).

Preconizava especialmente o *sentimento das proporções*, — *sinónimo de Razão*; era homem de sangue frio; e consistia o seu método, como se viu, em *estudar os casos*

muito bem, e pôr do seu lado o maior número de probabilidades pró: está definido o «racionalista». A lição de Sacadura é o polo oposto, portanto, da «lição eterna» do «terrabrás».

Sim: eu sempre esperei que eles lá chegassem. Mas nunca acreditaria na vitória se os tripulantes da aeronave, em vez de Sacadura e de Coutinho, fôsem o Desejado e o seu piloto, o sr. Antero de Figueiredo, — ferocíssimos inimigos do *sentimento das proporções*.

27.º ponto. Clama assim: «Sebastianismo é a esperança latente da nação, mesmo na hora das suas vicissitudes; esperança *não apática*», etc. (p. LXX).

Não é isso o que a História vê. Há aí, se mo permite, muito «heroísmo de afirmar». A História confirma o testemunho de José Agostinho de Macedo, no seu folheto *Os Sebastianistas*:

«Com o volver dos anos não teem mudado de carácter os Sebastianistas; e com a mania dos vaticínios continuam a ser maus cidadãos. Confesso que nos fatais nove meses do nosso cativeiro não me impacientava tanto o calvo Nero Lagarde mandar pôr o meu nome no rol dos prêso e destinar-me vítima da ferocidade regeneradora como ouvir os malvados Sebastianistas, e vê-los tranquilos e serenos à vista das nossas tão reais e lastimosas desgraças. Entraram os ladrões franceses tão páfida e covardemente, sem haver um só pau que os desancasse (à excepção do campo de Azambuja e ponte do Carregado); e os Sebastianistas, até com ar de riso, dizendo ao povo: «Isto é das profecias; assim diz o Preto do Japão; sairá a de Bragança, entrará a de França; e o Mouro de Granada também o diz». Levantaram a bandeira tricolor, que é a senha da ladroeira; e os Sebastianistas, risonhos e contentes, a clamarem: «Bravo! Cumprem-se as profecias: eis aqui as águias do Castelo, à vista das quais chorou o sapateiro Simão Gomes, um dos maiores profetas que tem havido». Houve o insulto na calçada do Chiado e calçada que vai para o Carmo na igreja do Sacramento: «Deixa atirar, deixa matar: isso tudo é das profecias! Haverá muita pancada, os da Obra com os da Calçada: *os da Obra*, são os da obra de misericórdia de enterrar os mortos; *os da calçada*, são os franceses que iam para S. Francisco. Não tem dúvida, estão cumpridas as profecias». — «O Velho não tarda, êstes são os sinais da sua vinda», dizia o doutor teólogo acima mencionado. Cometem os maiores de todos os insultos em a triste cidade de Évora: «agora sim», dizem eles, «isto é das profecias; já lá se vão chegando para o campo de S. Brás; de entre Montemuro e monte de S. Bartolomeu há de ressuscitar o Velho; e apenas Bonaparte chegar, dará cabo dele, porque ali está o aqueduto de Sertório, que é expresso nas profecias». Finalmente, não houve crueldade, atrocidade, roubo, violência, saque, insulto, sacrilégio, violação, que os franceses não cometessem e que os Sebastianistas não aplaudissem, como complemento das suas profecias... Quando as fatais circunstâncias em que existimos exigem imperiosamente em todos os ânimos união, valor, energia, determinação e patriotismo verdadeiro... então os Sebastianistas não cessam de clamar que o Povo se não deve cansar, porque é das profecias que êle (Napoleão) venha segunda vez à Espanha, que a vença, e que querendo então invadir de novo Portugal, lhe saia a campo el Rei D. Sebastião e o derrote, e que continue a reinar até o ano de 1821, em que o mundo será todo um, conforme a profecia de Benta de Aguiar. Isto não é outra

coisa mais que ser mau cidadão, **persuadindo a apatia** no tempo em que teve atear-se a maior actividade» (p. 79-85).

Ora aí está o que diz a História, e é facilmente adivinhável pelo mais comezinho senso comum. O Sebastianismo foi um narcótico, um factor de abstenção; e se há por aí quem sustente o contrário, é porque não existindo no nosso país uma cultura do espírito que seja *cultura* (não conto, porque não devo contar, com raríssimos casos excepcionais) usa-se do talento na nossa terra com total desprezo do Senso Crítico, e afirma-se tudo sem se dar razões — sem um átomo de verdadeira prova, sem um grânulo de justificação; e até a homens como Malheiro Dias os vemos deslisar pelo pendor geral, e tudo confiar do fulgor do verbo e do mero «heroísmo de afirmar» — «que, batendo na terra com pé forte, ou palidamente elevando os olhos ao céu, — cria, através a universal ilusão»... *Prefácios e Exortações*.

E é fiel ao espírito do Sebastianismo — pela lógica íntima do Sebastianismo, — que me prega inércia e abstenção. Fui ministro, sim; e talvez o grupo da «Seara Nova», concorrendo então para que se não protelasse uma crise ministerial que fôra longa, nos poupasse a experiência de momentos lúgubres... «Que o teu proceder» (recomenda Kant) «seja convertível num preceito geral». Batalhei pois a coisa pública quando fui para isso solicitado, — o que se pode volver num princípio geral: a intervenção dos homens honestos no govêrno do País. E que me aconselha? — A não intervir. Pode converter-se êsse conselho em regra geral de cidadania? Não pode. Muiíssimo certo pensava nisto o grande Mousinho da Silveira: «o homem de bem não cogita tanto da pessoa que governa como do bem público, governe quem governar». Quem tem errado, por consequência, são os honestos que se ficam quêdos, — e que, por não acompanharem os honestos que avançam, teem a responsabilidade das derrotas dêstes, do inútil portanto do seu sacrifício. E quem é que se arroja a falar de cima? — Estamos vendo: é o comodismo da abstenção. É êle o que acusa! É êle o juiz!

E como o tempo virada
para as costas traz a grimpá,
— anda a coisa assim mudada!

(ANTÓNIO PRESTES).

28.º ponto. Escreveu: «E procurando (eu, António Sérgio) uma equivalência para o diagnóstico de Ferrero, diz: *«padece o mundo, que aí faz enfermo, de ser guiado por duas ideias: o Mecanicismo e o Romantismo»*, — conclusão que me animo a substituir por esta outra: *o Racionalismo e o Espiritualismo*» (p. xciv).

Não percebi. Eu afirmei que a crise do mundo provém essencialmente dêstes dois êrros, destas tendências que o estão transviando: o *Mecanicismo* e o *Romantismo*. São estas as causas da enfermidade, — disse eu. Ora, realizando a substituição que ali propõe, ficaria o seguinte:

«As causas da enfermidade do mundo — são o Racionalismo e o Espiritualismo».

Mas com isto o meu Amigo não pode de-certo concordar. Fazendo, como faz, a apologia do Espiritualismo, não afirma naturalmente que seja ele, Espiritualismo, uma das causas do nosso mal. Repito: não entendi.

Cita, depois, a crítica do Carlyle ao Mecanicismo, atirando-a contra mim... Boa vai ela! Mas isso, Amigo, é

o cúmulo da incompreensão! O que Carlyle diz é o que eu disse. Condenei também o Mecanicismo, quer dizer: o facto de que «tomámos a ciência, o apuro mecânico, as comodidades, as instituições, não como *meio* ou instrumento, senão como *objecto* do progresso humano»; o facto de que «procurámos todos elevar o homem pela melhoria do seu trem de vida, pela comodidade das condições *externas*, — como quem julga que à humanidade, boa em si, só do *exterior* lhe vem o mal» (Carta-prefácio do *Desejado*, p. xxix). Condenei pois o Mecanicismo. E em nome de quê? Da *Razão*. É esta um ideal de harmonia *interna*, que busca a paz, a justiça e o progresso (essencialmente) pelo trabalho do espírito *sobre si próprio*, pela faina de *concentração*, pela *intima* disciplina da consciência individual; que reconhece a influência dos factores externos, mas como meios dos factores internos; que afirma a necessidade fundamental do domínio das paixões: e porisso condena simultaneamente, já os homens que tudo esperam dos progressos *exteriores* (os mecanicistas), já aqueles que tudo esperam da expansão sentimental, — da «alma em paroxismo», dos «nervos em crispação» (os românticos). Fiz-me entender?

A verdade é que êsses dois êrros — o Mecanicismo e o Romantismo, — são afinal o mesmo êrro; o Mecanicismo em última análise é uma das formas da imaginação romântica: um modo de resolver fantasticamente, centrifugamente, expansivamente, os problemas máximos do ser humano: pela *expansão* romântica indefinida das capacidades mecânicas do homem. Mecanicismo e Romantismo caminham ambos no sentido oposto, portanto, da solução exacta e positiva, — que é o cheque interno, a *concentração* do espírito, o movimento *centrípeto*, a moderação dos apetites, o refreamento dos desejos, a disciplina das paixões: calmar nas almas o «paroxismo», tirar dos nervos a «crispação». Mecanicismo e Romantismo são duas formas da embriaguês, e a solução verdadeira é o contrário da embriaguês: é o império do racional. A autêntica soberania é a soberania da Razão. Enquanto Racionalismo significa Ordem (isto é, os elementos fluindo dentro de um leito, as almas incluídas e coordenadas numa Unidade que é o seu fim), o Romantismo significa o dilúvio, a dispersão anárquica das águas turvas, o extravasamento sentimental, — a *animalidade*, como o católico diz!

Não pretenda falar-me, portanto, como paladino da religião católica. A vida religiosa consciente é isto mesmo que estou prégando: a pacificação da nossa alma pela disciplina que descrevi. Que nós o façamos sem pensar em Deus; que o católico o faça porque crê em Deus, e indo à missa: isso não muda, a meu ver, a natureza da solução. Neste debate, o católico *inteligente* há de estar de cá: sou de nós dois o que defende a *sério* (em pensamento, e não em gesto) — a essência moral da sua fé.

E a isto se prende o problema da elite.

Lembrar-se o meu Amigo de defender a elite — o govêrno da elite — *contra mim*... fêz-me sorrir. Há quantos anos, por quantas formas, desenvolve a concepção do govêrno da elite! Simplesmente, o ser da elite, para mim, é possuir a *mentalidade* da elite. Ora, mentalidade de homem de elite não é talento literário: é Espírito Crítico, com talento ou sem êle; é ter disciplina de pensamento e *se tenir ferme dans les courants* — não passando de extremo a extremo ao sabor das modas espirituais. Pelo que toca à minha pessoa, poderão acusar-me de não ter estilo, mas não de instabilidade de orientação mental. Sempre estive onde agora estou: para além das direitas e das esquerdas (do jacobino e do conservador) na questão política;

racionalista de método, humanista crítico, em moral e filosofia; e *a-religioso*, sim, mas não *anti-religioso* (respeitador, mas agnóstico) no problema da religião.

O seu discurso, a meu juízo, não foi de elite; o entusiasmo do homem de elite nunca combate com o Senso Crítico; o sentimento do homem de elite nunca se liberta da Razão. O homem de elite verdadeiro é aquele que diz como santo Antero, o Poeta: «o entusiasmo é bom, porque eleva o espírito; *mas a crítica é melhor ainda*, porque o esclarece.»

Mas agora vejo que falei de-mais. Cumpre pôr pausa na discussão. Ficou ainda sem resposta a seguinte pergunta do seu *Prefácio*: «que trago eu para lhes dar, à Mocidade e à nossa Grei?»

Não trago um Deus, verdade seja: trago uma simples doutrina humana, como a doutrina de Confúcio (de que vive a China há tantos séculos) e como também a doutrina búdica, — disciplina moral que se traduz, para a gente do vulgo, numa religião ateia; doutrina larga e tolerantíssima que não ataca, nem ofende, nenhuma espécie de religião. É ela boa? Creio eu que sim. Reduz-se também a uma **DISCIPLINA** que a todos os homens pode servir, qualquer que seja a sua fé...

Mas dessem-me o Verbo do meu Amigo, — o «génio literário» e o alto estilo — e eu glosaria a seguinte réplica:

Trago o exemplo (que não é vulgar) de três lustros de vida que consagrei — sem personalismos, sem facciosismos, sem paixões, — à preocupação do Bem Comum...

Mas no bronco estilo da minha pena essa inchada resposta sairia clownesca, e de mim me estou rindo ao pensar em tal... Pois por êste riso quero eu acabar! Portanto, cerro por aqui o meu discurso, reconhecido aos golpes do seu *Prefácio* (empurrões soberbos com que me atirou, magnanimamente, para dentro da História das Letras Pátrias, no capítulo consagrado à sua pessoa) dizendo-lhe que atribui a depressão nervosa, — e à necessidade de suggestionar o público na árdua defesa de uma causa péssima, — os nomes feios com que me zurziu; que não trouxe para isto preocupações pessoais; que me não aflorou ante os seus ataques a mínima dose de irritação, mas sempre simpatia e bom humor; e que é portanto com a alma risonha, francuissimamente, clarissimamente, — e na certeza magnífica de que voltaremos a ve-lo, passada esta crise, o Malheiro Dias que sempre foi — que lhe estende a mão o camarada sincero, seu muito inconcusso admirador

ANTÓNIO SÉRGIO.

P. S. — Na terceira edição do meu *Bosquejo*, em vez das palavras que me censurou: «fanfarrão» e «mentecapto» — porei as suas: «ferrabrás» e «delirante». E acabou-se a questão.

Insisti na controvérsia, porque no âmago de tudo isto (além do problema moral de agora, a que me referi na Carta-prefácio) há o problema maior da Grei: a luta para a ressurreição do Espírito Crítico, — ausente desta pobre terra desde a era do Séiscentismo, que converteu o nosso país... no reino que foi cantado em *O Reino da Estupidez*. Sim, a **REFORMA DA MENTALIDADE**: para nós-outros, portugueses, é êsse o problema fundamental:

Avant donc que d'écrire apprenons à penser!

(BOILEAU).